

RECEBI de Anísio Teixeira:
«Meu caro Rubem Braga:

A sua palavra é hoje tão lida, que fiquei com pena de ver, em meio à sua crônica tão humana sobre as crianças, lançar V. uma porção de dúvidas sobre duas idéias que me são caras para a feliz orientação do problema escolar brasileiro: a escola local, regional e não «consular», «metropolitana», em rigor «colonizadora» e a escola completa, rica, variada, com tempo suficiente para se constituir vida e formação da criança...

Se lhe sobrasse tempo para ler coisas ainda mais fastidiosas do que «Educação não é privilégio», teria podido ver que essa escola de tempo integral não é a escola do campo mas a da cidade... e, sobretudo, a da cidade moderna, onde a criança já não poderá ter nenhuma experiência integrada e harmoniosa senão na escola, todos os seus outros espaços vitais — o do apartamento, o da rua, o do clube, o do cinema — sendo parciais, fragmentários e contraditórios... No campo, seria o contrário: a escola poderia ser de tempo parcial, como pensa V., pois a grande e boa educação da criança já se faz pela sua vida simples, mas integrada, responsável, construtiva, e, sobretudo, incrivelmente digna, pelo trabalho e pelas relações humanas diretas, sérias e completas... Ah! meu caro Rubens, se soubesse quanto penso como V. em relação à nossa criança rural! Vou tão longe que as dúvidas que me assaltam são maiores que as suas. Duvido que lhes convenha a própria escola de letras. E não nos sendo possível dar-lhe a escola de trabalho e de enriquecimento de sua própria cultura, pois essa escola exigiria professores de grande preparo e muito dinheiro, chego a achar que melhor seria não lhes dar escola nenhuma. Como isto não é possível, defendendo para o campo uma escola modesta, de quatro anos de estudo, e que, ainda assim, mais preparará os alunos para poderem deixar o campo do que para lá ficar...

A escola que possuímos é uma escola para o tipo de civilização urbana, só aplicável ao campo na medida em que ele se urbaniza, rurbaniza, dizem hoje, os sociólogos. Como isto, de fato, acabará por se dar, em todo o país, a escola deverá organizar-se tão bem quanto possível nas cidades e ir se estendendo pelo campo na sua missão de lhes transformar também gradualmente a vida...

Já que a escola é, assim, um instrumento de transformação, ou, pelo menos, de consolidação da transformação da civilização rural em civilização urbana, a fim de que sua influência não seja exageradamente alienadora, defendo a idéia de fazê-la local e regional. De modo que o meu localismo escolar vai ao encontro de sua dúvida sobre a escola conveniente ao próprio campo. Municipal e local ela se integrará melhor nos defeitos e qualidades do meio, **moderando**, desse modo, a sua ação naturalmente desenraizadora. A cultura escolar primeiro desenraíza para depois — hélas! só muito depois — plantar de novo e enraizar-nos na humanidade, dessa forma ampla, completa e universal, de que V. é um tão alto e grande exemplo.

Daf, o nosso cuidado de educadores em acentuar os traços locais e regionais da escola, a fim de lhe corrigir a tendência, por assim dizer, congênita, de segregar, separar, alienar...

Sabe V., meu caro Rubem, quanto é difícil pensar claro em nosso país. Como o nosso progresso se fez por acaso, julgamos poder continuar a progredir por acaso. A realidade, porém, não é que progredimos por acaso mas que progredimos, até ontem, lentamente e o progresso lento toma conta de si mesmo e acaba por se harmonizar. Mas, o progresso rápido de hoje não tem tempo para esse reajustamento. Todo progresso é um tumulto e uma deslocação e se se faz muito acelerado destrói mais do que constrói e daí ser necessário um reforço substancial na quantidade da educação do indivíduo para suportá-lo e corrigi-lo.

A escola primária da Suíça — um modesto e grande exemplo de civilização estável em meio ao tumulto moderno — impõe à criança onze mil horas de atividades intencionalmente educativas, a americana, sete mil horas, a melhor escola primária brasileira, aos que a frequentam integralmente, dá-lhes duas mil e quatrocentas horas!... Por mais gênios que sejamos todos nós brasileiros, por força que há-de sobrar alguma diferença entre nós e os suíços. Grande parte dessa diferença será divertida, senão boa, mas o restante há que ajudar a mudar...

Seu de sempre

Anísio.